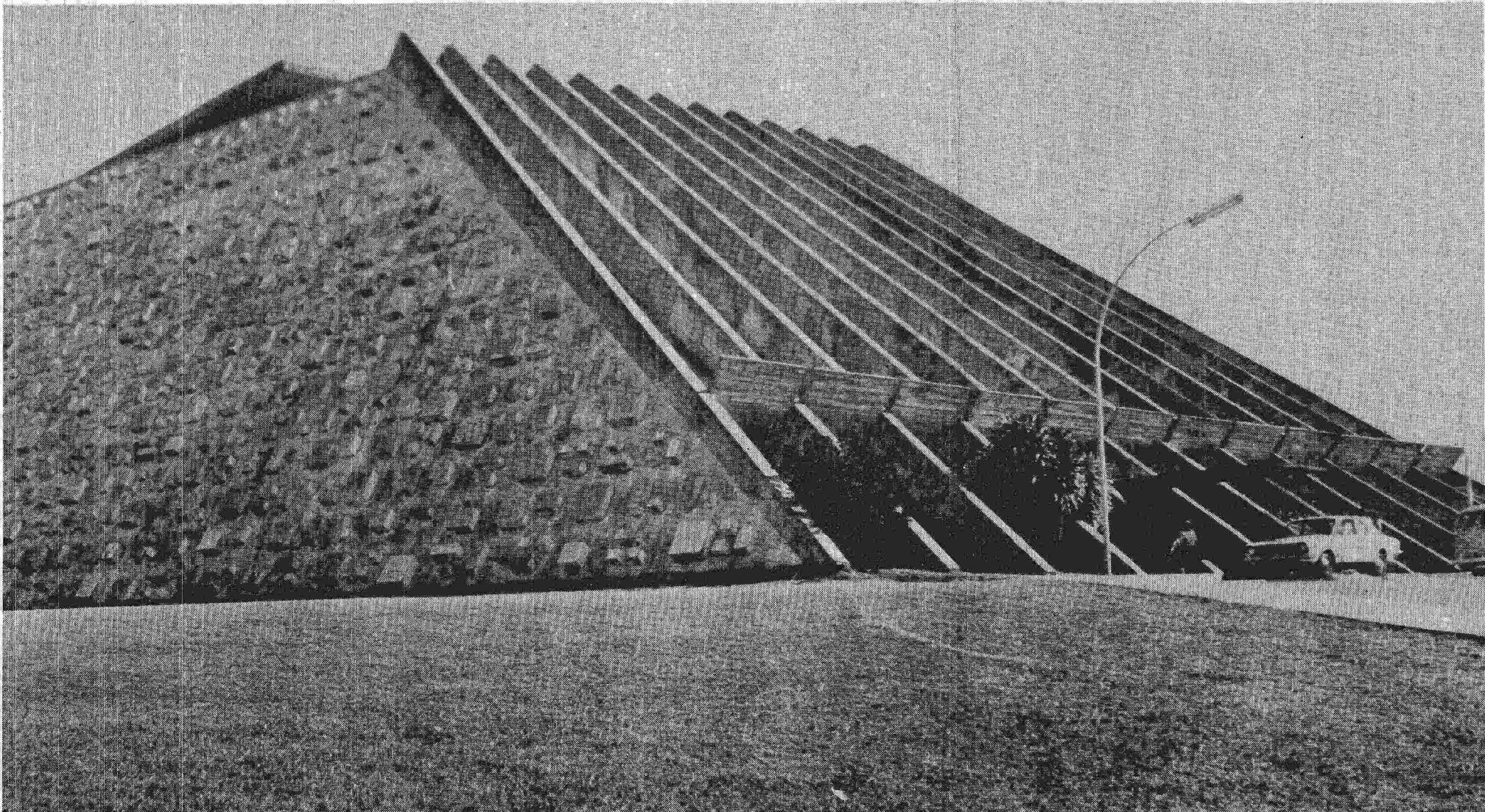


# TEATRO NACIONAL



O TEATRO NACIONAL DE BRASÍLIA, que será inaugurado hoje, às 21 horas com um concerto na Sala Villa - Lobos

## Murtinho: Projeto novo para formar um público novo

"Quando comecei a minha gestão à frente da Secretaria de Cultura do Distrito Federal, uma das minhas primeiras decisões na área do teatro foi a da criação do teatro das segundas - feiras, na antiga sala Martins Penna. Foi a primeira oportunidade oferecida aos que faziam teatro em Brasília. O nosso propósito foi o de desenvolver, paralelamente a uma atividade recreativa global, uma atividade criativa ligada à cidade. Não faria sentido ter uma cidade dessa importância que não tivesse tanta importância artística quanto Rio, São Paulo ou Salvador. Levamos para a Martins Penna os grupos amadores locais; isso foi um começo, um primeiro impulso ao seu desenvolvimento. O mais importante, no entanto, foi a formação de um público de teatro. Eu me lembro que o público das segundas - feiras, na Sala Martins Penna, era sempre o mesmo. Mas a grande novidade é que aquele público cresceu e cresceu muito. Isso deveu-se a que, com o fechamento da Sala Martins Penna - que agora volta a ser aberta - imediatamente tivemos duas estruturas prontas não muito boas, talvez, mas que se puderam usar: o Teatro da Escola Parque e o Galpão. Posteriormente montamos o Galpãozinho. Tivemos, então, duas salas pequenas - a da Escola Parque muito grande, grande demais para o espetáculo de teatro que não deseje uma presença passiva do espectador."

"Quando se fala na Martins Penna, esquece-se que, simultaneamente, três outras salas serão inauguradas no Plano Piloto. O Teatro da Dulcina, que o governo do DF apoiou e para o qual deu dinheiro, e dinheiro grande para que ele pudesse ser concluído. Lá teremos direito, durante o ano, a um certo número de dias; será ideal para os espetáculos de grande público, mais comerciais, que poderão ir para lá. Nós daremos a sala, cobrando só dez por cento da bilheteria. Eu insisti que essa sistemática dos dez por cento fosse observada, e, depois de dois anos, consegui que o Serviço Nacional de Teatro aceitasse a minha ponderação: não era justo que eles, no Rio, cobrassem oito por cento e que não pudessem cobrar nada. Isso foi aceito e é baixíssimo para uma sala. A ideia é cobrar esses dez por cento das companhias profissionais que nos visitarem, revertendo os recursos empenhados para a conta da FETADIF, ou seja, a maior conta que se vai dar à FETADIF é a volta desses recursos que beneficiarão todo o teatro de Brasília. As outras duas salas, de que ninguém fala, não sei porque, são as salas do Centro de Convenções, a serem inauguradas no dia 12. Nessas duas salas, estão dois teatros prontos, estrutura de ar condicionado, poltronas, faltando somente os cortinos e os refletores. Dois teatros, a meu ver, perfeitos, um à italiana, com 280 poltronas, outro, de arena, com 300 lugares, a meu ver, ambos de bom tamanho. Porque o Teatro Martins Penna é um teatro, tem somente 400 poltronas, mas tem um espaço muito grande, difícil de se dominar. Portanto, temos, já agora, até fins de maio, mais três teatros. Dulcina espera terminar o dela nesse prazo."

"Além desses temos ainda o Teatro da Praça, em Taguatinga. Uma cidade com 300 mil habitantes, com um teatro completo, verdadeiro, que é o Teatro da Praça para 340 pessoas sentadas. E há, ainda, o Teatro do Bosque, que fica pronto em agosto, uma jóia de teatro, e a Ave Branca, que estamos montando com teatro. Veja você, embora as estruturas sejam, se você quiser, mambembes, elas são profissionalmente corretíssimas: o som e a acústica do Galpão e do Galpãozinho, sua iluminação são corretas. Claro que se pode fazer muito melhor, a Sala Martins Penna é cinquenta vezes melhor em matéria de iluminação, mas também, você pode imaginar o que é iluminar com quarenta, sessenta refletores, o que implica na existência de uma pessoa capacitada dentro de cada grupo ou companhia, o que não diminui a importância do teatro amador e da Sala Martins Penna."

"Respondo, então, sua pergunta sobre a importância e a significação do Teatro Nacional para o Distrito Federal. Eu fiz questão, desde que aqui cheguei, e mesmo antes de chegar, de que o teatro fosse nomeado Teatro Nacional, embora Brasília, naquela época tivesse um prefeito e portanto tudo justificasse o nome de Teatro Municipal. Teatro Nacional porque a finalidade não é só proporcionar lazer e recreação aos nossos moradores, mas permitir a criação de um Teatro Nacional, isto é, de um teatro brasileiro novo. Da mesma forma, eu espero criar uma música brasileira ao alcance de todos - não entro no pormenor se ela é erudita ou popular: o importante é falarmos de música - e da mesma forma uma atração lírica, seja com óperas e óperas bufas (queremos trazer as óperas bufas), mas queremos montá-las. O que fiz e que eu insisto, desde o primeiro momento tive dificuldades, porque em geral, todo mundo sabe, eu tenho dúvidas sobre a qualidade dos espetáculos que nós vamos dar. Esses espetáculos poderiam ser melhores, tenho certeza que se viesse qualquer dos grandes grupos da Inglaterra ou de São Paulo seria melhor, mas não teria sentido. Então, o que fizemos para caracterizar que o Teatro Nacional é uma sala que deverá integrar o país e que tem, necessariamente, que integrar, inicialmente, Brasília, os três espetáculos são dados por gente nossa. Então, cria - se no decorrer dos últimos 18 meses, praticamente 24, uma orquestra sinfônica. Correta! Consegui dinheiro do Banco do Brasil, que me permitiu manter essa orquestra. O que é difícil! Veja bem, difícil. Porque nós apresentamos um concerto, faz dois anos, no Itamarati e as pessoas ficaram espantadas: "Mas como, existe? Não! Mas, olhe lá, é o pessoal da Universidade!" Claro, é o pessoal da Universidade, são pessoas residentes aqui que tocam na Orquestra. Do outro lado, quando se chegou à decisão: "Vamos inaugurar?" - falou-se muito, devido a sua feição nacionalista, em trazer, em primeiro lugar, "Macunaíma", uma peça decisiva, importante. Eu disse: "Não traz 'Macunaíma'". Agora, traz na segunda semana, que o Brasil não vai acabar amanhã e Brasília tão pouco. Então não haja razão de nós darmos destaque a essa montagem, vamos dar destaque aquilo que somos capazes de fazer. Claro que será menos profissional, quanto a isso

não há ninguém que tenha dúvidas. Mas a semente foi o que nós colocamos. Da mesma forma em relação ao quarteto de cordas da Universidade, que vai tocar na Sala Alberto Nepomuceno e o grupo de cantores que vão apresentar as peças de Nepomuceno. Pois bem, o que eu sempre quis foi ressaltar o caráter nacional desse teatro. E isso vem numa tendência - as pessoas queiram ou não queiram; eu quis antes - que é o que eu chamo a federalização de Brasília. Uma das incongruências desta cidade é que o Governo Federal omitiu - se na época da formação da cidade. Houve, no início, alguma coisa, mas muito pouco, e não houve apoio à criação local. O Governo Federal está vendo com interesse a possibilidade de o Distrito Federal, Brasília, o nome correto, que a Capital se torne o 39. polo, em igualdade com os demais. A minha teoria é que em certos programas como música e teatro, nós estaremos, dentro de 4 a 5 anos em igualdade de condições com os dois grandes centros, Rio e São Paulo. E isto que está faltando é, primeiro, a experiência, que já vamos ter, e o fato de que a televisão vai começar a usar os nossos artistas e músicos. O Teatro tem que ser o elemento catalítico de uma nova situação. O Eduardo Portela já fez declarações, as mais enfáticas, de que esta é, também, a intenção dele. De maneira que eu vejo para Brasília o justo lugar ao sol. O que aconteceu foi que a sequência da transferência deu-se da seguinte maneira: primeiro veio o poder político, depois o econômico e por último o cultural."

"Sim, como disse, o Teatro Nacional será inaugurado com três espetáculos de gente nossa, para mostrar a importância do que criativamente se está fazendo na cidade. Prefiro isso a "Macunaíma" ou a outros espetáculos sugeridos. Pude me valer de que usava os nomes dos patronos das salas onde os espetáculos serão apresentados. Me disseram: "Faça uma ópera!" "Faça um Shakespeare!" "Porque que não faz um Shakespeare com Paulo Autran?" Porque não, eu disse. Não há dúvida que ele deve vir depois vamos fazer uma Shakespeare com Paulo Autran, vamos fazer uma Trajetória do Teatro de Comédia com os grandes autores e atores, não há dúvida."

Mas por que começar com eles? Por isso, Villa - Lobos, Martins Penna, Alberto Nepomuceno. Então, a ideia tem clareza e é defensável. Ninguém vai achar que não é suficientemente nacional a minha escolha: Villa-Lobos, Martins Penna, Nepomuceno: os patronos de cada uma das três salas."

"Sim, dificilmente o povo vem das cidades - satélites ao Plano Piloto para ir ao teatro. O que estamos fazendo, como disse, é construir teatros nas cidades - satélites: os dois de Taguatinga o que me referi, um terceiro que estará pronto em maio, um teatro à italiana na Ceilândia, e um quarto, de arena, também na Ceilândia. Mas estou fazendo, também, uma coisa muito importante: o número de auditórios - teatros que con-



Wladimir Murtinho

seguimos construir de 74 a 78, foi de 12. Temos, agora, 37 auditórios na rede educacional do Distrito Federal. Isso é enorme! Nada existe parecido em todo o Brasil. Em Ceilândia, por exemplo, temos 4 auditórios de 320 lugares. Vamos ter, em maio, mais um auditório, menor de 220, 240 lugares. Você pode ver que já estamos com as estruturas necessárias, e é lá que vamos desenvolver um teatro verdadeiramente popular."

"Não cabe a uma administração que está saindo amarrar tudo. No caso do Cláudio Santoro, que está nomeado, uma pessoa maravilhosa, não está, na realidade, ligado ao Teatro: ele está ligado à orquestra e está à Escola de Música. Para trazer técnicos eu tenho primeiro que ter orçamento; nós apresentamos ao Governador mostrando a necessidade de se dar continuidade, por pequena que seja, para que a nova administração, ao chegar, não se pergunte: "E agora, o que eu faço com isso?" Assim, fizemos a programação de março, abril e do começo de maio. Então, a nova administração terá como prosseguir."

No momento nós temos um orçamento para dois meses; futuramente será criada naturalmente, pela nova administração, uma estrutura para a direção do Teatro, depois de conseguido o seu orçamento. A estrutura inicial, criada por nós, será aceita ou modificada pelo nova administração. De qualquer forma, eu acho que a solução a ser adotada deve ser peculiar a Brasília. Não sei qual é, ou melhor, sei perfeitamente qual é, mas não devo comentá-la, pois seria uma forma de me impor, o que jamais eu poderia fazer."

"Sim, vou deixar a Secretaria de Educação e voltar ao Itamarati. Algumas pessoas perguntam, de fato, se eu não gostaria de ficar à frente do Teatro Nacional, mas eu sempre digo que não, isto aqui foi um interlúdio na minha vida, um maravilhoso interlúdio, mas a minha casa é o Itamarati, volto à minha profissão de embaixador."

Não, não seria bom eu ficar na direção do Teatro Nacional, o que eu desejo, é voltar ao Itamarati e aplicar lá toda essa experiência adquirida."

Devo dizer o seguinte: no princípio eu tive receio de não estar à altura, de não ser capaz de realizar todas as coisas que planejei em 1974, mas, fugindo um pouco à modestia, posso dizer, agora, que estou feliz porque consegui executar a totalidade do programa elaborado. Porque eu sou um técnico especializado em levantar verbos, porque eu sei levantar verbos. Lá e aqui eu tive a sorte de ter colaboradores extraordinários. No começo tive medo de perder uma oportunidade tão maravilhosa de não saber aproveitá-la, mas, felizmente, consegui corresponder pelo menos às minhas próprias expectativas."

A inauguração do Teatro Nacional é sem dúvida, um acontecimento da maior importância no nosso desenvolvimento artístico-cultural, em termos locais e de todo o país. No entanto, para os que vivem em Brasília, para os que fazem arte no Distrito Federal, especialmente os que aqui fazem teatro, o Nacional vem ou é esperado como a solução senão para todos os seus problemas, pelo menos para os que mais afligem e desencorajam ou impedem, ainda, a sua plena realização. Ao que parece, o Teatro Nacional terá uma política muito mais "nacional" que local, o DF como centro convergente de tudo que de melhor se faça pelo Brasil e, em parte, do que se faça também no exterior, as realizações locais incluídas nessa totalidade e beneficiadas pela possibilidade desse conhecimento amplo e diversificado das artes nacionais e estrangeiras, mas sem que tenham prioridade ou vantagens nas programações.

Além do Teatro Nacional, muitas outras obras foram e ainda serão inauguradas, e começarão a prestar serviços à população. É geral o reconhecimento ao esforço realizador de Elmo Farias, ao muito que ele fez pelo Distrito Federal nesses poucos anos em que foi o seu Governador, ajudado por equipe a quem ele e todos nós ficamos devendo.

Entre os que prestaram ao Governador e ao Distrito Federal o serviço de sua dedicação e de seu trabalho competente está o Embaixador Wladimir Murtinho, sem dúvida o grande apoio de Serejo na área da Educação e da Cultura. O Teatro Nacional, a grande pirâmide aparecerá mais: tem, à vista, a configuração de sua importância, poucos saberão o muito que se deve ao trabalho, à imaginação e ao talento do responsável pela Secretaria de Educação do Governo do DF (o homem certo para o lugar que ocupa, um lugar errado, pequeno demais para um homem que poderá ocupar tantos outros lugares), mas muitas outras realizações serão devidas a Wladimir Murtinho, além do mais um homem aberto, ouvido atento e palavra franca para esclarecimentos. Nem sempre teve, entre os seus imediatos de maior escalão, quem o pudesse seguir o passo e o compasso, o que lhe exigiu além do que se deveria pedir: o desdobramento de uma dedicação já completa.

Uma longa entrevista me foi concedida pelo Embaixador Wladimir Murtinho, após algumas notas na coluna de teatro, em que ficou patente a minha impossibilidade de bem informar o público sobre o movimento teatral da cidade e, em particular, agora, sobre o Teatro Nacional, porque informações não me eram fornecidas, não sabendo a quem recorrer para conseguí-las. Afinal, sem intermediários, sem as dificuldades burocráticas costumeiras, pude colher, diretamente com Wladimir Murtinho as informações que desejava. Fiz poucas perguntas e não vou transcrevê-las aqui, serão óbvias pelas respostas e estas é que importam; nelas, além dos fatos e realizações de que participou, percebe-se, além do profundo conhecimento, o entusiasmo de um espírito sempre jovem. Ao fim da entrevista eu tinha assunto não somente para uma, duas ou três matérias. Publicarei na Coluna de Teatro, depois, um pouco de tantas coisas que ouvi de Wladimir Murtinho, ainda sobre o Teatro Nacional, sobre a Escola de Teatro, sobre o Sistema de Vídeo-Tape adquirido pela Secretaria, o mais completo da América do Sul, etc. etc..